

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Ana Esther Schuchter Rofino

A SUBJETIVIDADE DO BEBÊ E A CRECHE

Juiz de Fora

2024

Ana Esther Schuchter Rofino

A SUBJETIVIDADE DO BEBÊ E A CRECHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de licenciado e bacharel em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profa. Dra. Ilka Schapper Santos

Juiz de Fora
2024

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender como as vivências cotidianas do bebê na creche participam da construção das subjetividades desses sujeitos. Dessa forma, investigamos alguns artigos e entrevistas publicados pela Revista Zero-a-Seis entre os anos de 1999-2023 , a fim de refletir sobre as interações que acontecem na creche; o desenvolvimento da subjetividade; a relação entre professora e bebê; o trabalho pedagógico das docentes e o tempo e a rotina na creche. A metodologia adotada foi a documental, a partir da revisão bibliográfica, e os principais referenciais teóricos foram: Parlato-Oliveira (2022) Maritza Dessupoio de Abreu (2014). Ao final da pesquisa, foi possível compreender a importância da creche como um espaço formativo e de interações para bebês e professoras.

Palavras-chave: Creche. Bebês. Subjetividades. Educação Infantil. Relação professora-bebês.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO-MEMORIAL	3
2 METODOLOGIA.	4
3 APRESENTAÇÃO E SÍNTESE DOS TRABALHOS ENCONTRADOS	6
4 ANÁLISE DE DADOS	11
5 CONCLUSÃO	15
6 REFERÊNCIAS	16

1 Introdução-Memorial

O interesse de pesquisar sobre a creche, em diálogo com conceitos psicanalíticos, surgiu a partir de pesquisas desenvolvidas na graduação, inicialmente com o Grupo de estudos Bebê (en) Cena, liderado pela Prof. Dr. Ilka Schapper Santos, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Naquele momento, tive a oportunidade de concentrar meus conhecimentos e reflexões sobre a formação da subjetividade, o laço entre o bebê e o profissional da creche e a organização da rotina dessas instituições. Além disso, os estudos de Marie-Christine Laznik, Graciela Crespín e Erika Parlato-Oliveira acerca do desenvolvimento psíquico do bebê somaram-se às minhas investigações.

Continuando minha caminhada acadêmica, realizei cursos como o “Psicanálise na Atualidade” e o Colóquio “Bebês no mundo: como os bebês são tratados em diferentes países”, ambos pelo Instituto Langage. Nas ocasiões, as formações possibilitaram o aprofundamento da análise da relação entre os bebês e a psicanálise.

Ainda com a Prof. Dra. Ilka Schapper Santos, participei das pesquisas “As crianças nas creches e nas escolas de educação infantil: o que dizem os laudos e os encaminhamentos de alunos e alunas de um Centro de Atendimento Educacional Especializado após o retorno às aulas presenciais?” e “O Projeto PREAUT e o (en)lace entre educador-bebê” como bolsista de iniciação científica. Tais experiências foram motivadoras para tecer e construir pesquisas sobre o tema, sobretudo da construção do laço entre o bebê e seus cuidadores.

Dessa forma, como o foco deste trabalho é investigar a subjetividade do bebê e o cotidiano e relações da creche, utilizaremos as seguintes bases teóricas: Parlato-Oliveira (2022) no que tange a construção da subjetividade do bebê e Maritza Dessupoio de Abreu (2014) com relação ao impacto da rotina e do tempo de permanência dos bebês na creche em conjunto com os trabalhos elencados na revisão bibliográfica da Revista Zero-a-Seis.

Acerca das creches, é importante compreender inicialmente que o acesso à educação é direito de todos e dever da família e do Estado, conforme preconiza a Constituição Federal. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/1996) no seu Art. 29 indica sobre a educação infantil: “Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996).

Ainda no Art.30, Inciso 3, é determinado sobre a carga-horário das instituições que ofertam a educação infantil (creches e pré-escolas): III- atendimento à criança de, no mínimo,

4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral (Brasil, 1996).

Logo, é notável que os bebês e crianças passam longos períodos de seus dias na creche, interagindo entre si e, também, com os profissionais desse ambiente. Dessa forma, torna-se necessário refletir como as vivências nessas instituições operam sobre os aprendizados, as vivências, as interações e a formação da subjetividade dos bebês nesses espaços. A pesquisadora Maritza Dessupoio de Abreu (2014) em sua dissertação de mestrado, intitulada “Os significados da rotina na creche: com a palavra coordenadora pedagógica, educadoras e pesquisadora”, também questiona a organização da rotina e os processos de ensino e aprendizagem, e infere sobre a rotina e das creches: [...] assim, refletir acerca da rotina nesses espaços se constitui como categoria importante e necessária para se pensar o cotidiano da creche, bem como os sentidos e significados que esta representa para adultos e crianças (Abreu, 2014).

Dessa forma, esse artigo reconhece que o cotidiano do bebê na creche e o trabalho desenvolvidos pelas educadoras nessas instituições estão intrinsecamente ligados ao desenvolvimento psíquico deles. Por isso, é proposto a realização de uma pesquisa documental da Revista Zero-a-Seis, publicada de forma semestral pelo Núcleo de Estudo e Pesquisas da Educação na Pequena Infância do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (NUPEIN-CED-UFSC).

Em suas publicações, o periódico eletrônico torna-se um espaço para a divulgação de experiências de professores das redes municipais e graduandos que atuam na educação infantil. Dessa forma, através da pesquisa documental, será realizado uma revisão bibliográfica do material publicado pela revista entre 1999-2023, contando com o mapeamento e levantamento dos artigos e entrevistas publicadas que dialoguem com o tema deste artigo. Posteriormente, será feita a análise dos dados encontrados à luz do referencial teórico da psicanálise.

2 METODOLOGIA

Este artigo segue a modalidade de pesquisa documental com a realização de uma revisão da literatura, tendo como objeto de análise a Revista Zero-a-Seis. A escolha do material se deu pela compreensão de que a revista é reconhecida como um importante veículo de divulgação sobre a educação infantil em nosso país, enquanto Qualis Capes A3 na avaliação de Periódicos de 2017-2020. Em suas edições, iniciadas em 1999, a Zero-a-Seis publica artigos, entrevistas, traduções e resenhas de autoria de pesquisadores e professores da área da educação infantil.

Acerca da pesquisa documental, Gil (2002) aponta seus benefícios:

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. (Gil, 2002, p. 46)

Outras vantagens citadas por Gil (2002) sobre essa modalidade de pesquisa é seu baixo custo, quando comparada a outras formas, e também por não exigir o contato com outros sujeitos. O autor também discorre, sobre as diferenças entre a pesquisa bibliográfica e documental, sendo a principal delas a fonte da pesquisa. A modalidade bibliográfica utiliza materiais de autores para sua construção.

Ainda sobre características da pesquisa documental, de acordo com Fonseca (2002)

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (Fonseca, 2002, p. 32)

Neste trabalho utilizaremos a Revista Zero-a-Seis como fonte primária iniciando a análise do material publicado, através da revisão bibliográfica, a partir da primeira edição até a atualidade. Dando continuidade às etapas desta modalidade de pesquisa, após a realização da revisão, o material colhido será organizado, facilitando a análise de dados. Para isso, os trabalhos selecionados serão apresentados e sintetizados, com o intuito de fundamentar a escolha destes trabalhos como relevantes para este artigo. Na etapa final, os dados colhidos serão analisados, para tanto delimitamos categorias temáticas em que os textos selecionados serão categorizados, com o intuito de estruturar e relacionar os trabalhos elencados com a hipótese do presente artigo: A construção da subjetividade do bebê inserido na creche.

Dessa maneira, compreendemos que a realização de uma pesquisa documental com revisão da literatura da revista Zero-a-Seis, possibilita a construção de um mapeamento de dados sobre o que é publicado e o que os autores dizem acerca da temática deste artigo. Posteriormente, com as publicações selecionadas que dialoguem com o tema apresentado, será feita a análise de dados com o referencial teórico da psicanálise, em interação com a Educação. Assim, neste artigo seguiremos: (1) Pesquisa documental da Revista Zero-a-Seis, com a revisão da literatura; (2) Organização, apresentação e síntese dos trabalhos encontrados que tenham relação com o tema proposto nesta pesquisa e; (3) Análise de dados, e enlace com a tese e referencial teórico deste artigo.

3 APRESENTAÇÃO E SÍNTESE DOS TRABALHOS ENCONTRADOS

Nesta sessão, exponho os trabalhos publicados na revista Zero-a-Seis nos últimos 24 anos (1999-2023) que tratam sobre o tema deste artigo: o desenvolvimento da subjetividade do bebê e a construção da rotina nas instituições que atendem bebês e crianças de 0 a 3 anos de idade.

Para realizar a seleção desses trabalhos, visitei os arquivos da revista virtualmente, realizando o levantamento dos trabalhos cujos resumos apresentam como temas: educação infantil; bebês; creches; rotina na creche; docência com bebês e relação professor-bebê. Dessa forma, tornou-se possível analisar a visibilidade das investigações sobre bebês em pesquisas, além de ramificações sobre o tema proposto.

No total, foram encontrados treze textos, incluindo artigos e entrevistas que dialogam com o artigo presente, dentre os 721 trabalhos publicados pela revista desde sua primeira edição. Vale ressaltar que o primeiro trabalho selecionado foi do ano de 2000, volume 2 da Revista Zero-a-Seis, e o último é do ano de 2022, volume 46. A seguir, apresento uma tabela que sintetiza os objetos que serão analisados:

Tabela 1 - Trabalhos selecionados

Título	Ano de publicação	Volume e Número	Gênero Textual
Por amor de força: Rotinas na educação infantil	2000	v. 2, n. 2	Entrevista
Educador: em busca do sujeito	2002	v. 4, n. 6	Artigo
Entrevista realizada com profissionais de uma creche em Santa Catarina	2003	v. 5, n. 7	Entrevista
A Educação e o Cuidado de Meninas e Meninos Menores de Três anos em Creches: Indicações para uma Pedagogia da Educação Infantil.	2003	v. 5, n. 7	Artigo
Entrevista com a Recreadora – Maternal II	2003	v. 5, n. 8	Entrevista
Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza	2004	v. 6, n. 9	Artigo

A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas	2013	v. 15, n. 28	Artigo
O objeto de transição: um estudo em contexto de creche	2014	v. 16, n. 30	Artigo
Experimentando a docência com bebês no estágio supervisionado: organizando espaços, brincadeiras e interações dos bebês no espaço da creche	2014	v. 16, n. 30	Artigo
Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche	2016	v. 18, n. 33	Artigo
O cuidado e educação das (os) bebês em contexto coletivo: a construção da experiência da auxiliar de apoio à educação infantil na interação com bebês e professoras	2017	v. 19, n. 36	Artigo
A centralidade do corpo no estabelecimento das relações dos bebês na educação infantil:	2022	v.24, n. 46	Artigo
O cuidado enquanto ética na educação infantil: uma etnografia com bebês em contexto coletivo de educação	2022	v. 24, n. 46	Artigo

Fonte: elaboração do autor.

Iniciando a apresentação dos materiais, o primeiro trabalho encontrado na Revista Zero-a-Seis, em diálogo com a pesquisa presente, é a entrevista “Por amor ou força: Rotinas na educação infantil- Entrevista” realizada por acadêmicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Na entrevista, a professora entrevistada, Maria Carmen Silveira Barbosa, apresenta sua tese de doutorado intitulada “Por Amor ou Por Força: Rotinas na Educação Infantil”. Na obra, Barbosa (2000) disserta sobre a rotina da escola, indagando o por que o trabalho pedagógico é organizado em torno da rotina na educação infantil. Ao final, a autora conclui que deve-se construir uma vida cotidiana interessante na educação infantil, respeitando momentos

de repetição que constituem o cotidiano da rotina como entrada, alimentação, troca de fraldas também são importantes.

Já no segundo artigo selecionado, “Educador: em busca do sujeito”, a autora Cerisara (2002) discorre sobre seu objeto de pesquisa: a formação de professores que atuam com crianças de 0 a 6 anos de idade, refletindo sobre como a subjetividade está presente na relação professor e aluno. A autora utiliza a psicanálise como referencial teórico, apresentando uma perspectiva interdisciplinar entre a educação e a teoria freudiana.

Assim, Cerisara (2002) aponta que o trabalho realizado por professores na creche se assemelha, devido aos padrões da sociedade, às responsabilidades da família em relação às crianças de 0 a 6 anos, em especial no que tange ao papel da mãe. Além disso, a autora analisa os desafios que a creche e seus profissionais enfrentam, sobretudo quando observamos o caráter assistencialista que ainda é vinculado a esta fase da escolarização. Dessa forma, a autora ressalta o predomínio de profissionais mulheres para esse cargo, defendendo que esta realidade solidifica um visão “feminina-maternal-infantil”, influenciando na subjetividades e nos afetos nesse nível de ensino.

Dando prosseguimento, o trabalho “Entrevista realizada com profissionais de uma creche em Santa Catarina” publicada pela Revista Zero-a-Seis discute sobre o cotidiano dos profissionais da creche e das crianças que as frequentam. A autora, Prof^a Roseli Nazário (2003), realiza então uma entrevista com uma docente de bebês entre quatro meses e um ano e cinco meses. Em sua entrevista, Nazário (2003) questiona a profissional sobre sua formação; o dia-a-dia na creche; as interações entre os bebês e a importância da observação atenta na educação infantil.

Já o quarto trabalho selecionado é pesquisa intitulada “A Educação e o Cuidado de Meninas e Meninos Menores de Três anos em Creches: Indicações para uma Pedagogia da Educação Infantil”. Strenzel (2003) apresenta dissertações de mestrado e teses de doutorado publicadas entre os anos 1983 e 1998. Segundo a autora, tais pesquisas contribuíram para o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos com bebês e crianças entre 0 a 3 anos, sendo a coleta de dados realizada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

Roseli Nazário (2003) continua sua série de entrevistas com profissionais atuantes em creches, realizando uma entrevista com uma recreadora do maternal 2. A autora apresenta o ponto de vista da entrevistada sobre o cotidiano da creche; a atuação da recreadora e a relação do bebê com os profissionais da creche.

No sexto trabalho, o artigo “Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza”, Tristão (2004) discorre sobre a educação de bebês em espaços coletivos. A autora tem como base de suas reflexões uma pesquisa realizada em uma creche. Assim, Tristão (2004) conclui que o trabalho pedagógico realizado com bebês nos berçários é marcado por sutilezas que estão presentes na relação professor e bebê.

Dando continuidade, as autoras do artigo “A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas”, promovem discussões sobre o currículo das creches e as pesquisas sobre bebês em uma perspectiva não-adultocêntrica. Castelli e Mota (2013) interrogam o lugar que os bebês ocupam, em nossa sociedade, muitas vezes vistos como incapazes e desimportantes. Para a maior compreensão desse lugar, no artigo são destacadas leis, práticas e discursos que apontam sobre a visão dos adultos acerca dos sujeitos centrais da pesquisa. O artigo, defende, então, a compreensão de bebês como sujeitos inter(ativos) produtores de saberes e cultura.

No oitavo trabalho ligado a presente pesquisa, “O objeto de transição: um estudo em contexto de creche”, Dias e Conceição (2014) buscam uma perspectiva qualitativa de investigação para entender o papel dos objetos de transição no momento da sexta para três crianças entre 1 e 2 anos de idade dentro da creche. Após a análise de dados da pesquisa, as autoras apontam que os objetos de transição, no contexto da creche, transmitem segurança e conforto para os bebês e crianças pequenas.

Já o artigo “Experimentando a docência com bebês no estágio supervisionado: organizando espaços, brincadeiras e interações” apresenta as reflexões levantadas por Eloisa Acires Candal Rocha (2014), Livia Rezende Girardi (2014) e Márcia Buss-Simão (2014) em uma experiência de Estágio Supervisionado em Educação Infantil no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O estágio acontece em uma creche da rede Municipal de Florianópolis, com nove meninas e seis meninos na faixa etária de oito meses a um ano e três meses. O eixo central da experiência de docência na creche e também da pesquisa é a organização do espaço e tempo, compreendendo-os como componentes que contribuem para as interações e repertórios de brincadeiras de bebês.

O artigo de Pandini (2016) é o décimo trabalho selecionado, “Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche”. O material tem como objeto de estudo o processo de formação da creche com um lugar para bebês. A autora apresenta uma pesquisa, de orientação etnográfica, que aconteceu em uma instituição pública de Santa Catarina (SC), com dez bebês e quatro professoras. A autora reforça a importância do espaço físico das instituições que recebem bebês, mas destaca que não basta apenas o material, devemos nos atentar para as

facetas sociais, psíquicas e afetivas dos bebês e as relações e sentidos que estabelecem com adultos nesse espaço institucional.

Já Bitencourt e Silva (2017) propõem em seu artigo, “O cuidado e educação das (os) bebês em contexto coletivo: a construção da experiência da auxiliar de apoio à educação infantil na interação com bebês e professora” a análise de como a auxiliar de apoio da educação infantil constrói suas interações com os bebês e as professoras. No artigo, são destacadas as práticas de cuidado que acontecem na educação infantil, destacando que o cuidado tem grande centralidade.

As autoras concluem que os resultados da pesquisa permitiram a identificação de elementos da relação de professoras e auxiliares de apoio, revelando que as práticas de cuidado e as práticas de educação são indissociáveis no contexto coletivo de cuidar de bebês. Com isso, as pesquisadoras investigaram o brincar dos bebês, com o intuito de propor outras atividades que mobilizem os alunos, tendo também como base as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Por fim, o artigo demonstra que o encontro com bebês fomenta a formação docente, incentivando novas possibilidades de práticas pedagógicas com bebês e crianças pequenas.

Em seu artigo “A centralidade do corpo no estabelecimento das relações dos bebês na educação infantil: uma experiência de estágio com bebês”, Britto (2022) relata sobre a experiência de estágio supervisionado com bebês em uma creche localizada em Campina Grande (Paraíba-PB). A partir da experiência do estágio, observações e intervenções foram analisadas, com foco na linguagem corporal, na rotina coletiva e nas relações presentes entre bebês, professoras e materiais. A autora, aponta que foi notado uma centralidade do corpo nas relações bebês-professoras, principalmente nos momentos de busca por conforto.

O último trabalho analisado da Revista de Zero-a-Seis, selecionado é “O cuidado enquanto ética na educação infantil: uma etnografia com bebês em contexto coletivo de educação”. Muniz, Lima e Teodoro (2022) interrogam sobre como o cuidado acontece em um contexto coletivo de educação com bebês, em Florianópolis (Santa Catarina-SC). A pesquisa etnográfica com bebês permitiu que as autoras refletissem sobre a ética do cuidado no contexto educacional, ou seja, sobre o cuidado como uma relação social.

A partir do mapeamento dos trabalhos através da tabela 1, torna-se possível identificar os textos que dialogam com este artigo. Assim, conseguimos notar a frequência dos trabalhos veiculados que tratam sobre bebês, rotina da creche e relação professor-bebê : de 2000 a 2004 houverem seis trabalhos selecionados e, entre 2013 e 2022, dez trabalhos foram elencados.

Com análise dos trabalhos selecionados, que teve início com o mapeamento através dos títulos, leitura dos trabalhos e posteriormente com os resumos realizados, iremos iniciar a análise de dados.

4 ANÁLISE DE DADOS

Iniciamos a análise dos trabalhos encontrados através do mapeamento das edições publicadas da Revista de Zero-a-Seis a fim de construir a relação dos textos elencados com a pergunta orientadora deste artigo: qual a relação da formação das subjetividades dos bebês com a vivência deles da creche?

Por subjetividade, com base nos estudos de Parlato (2022), entendemos que se refere ao processo de interpretação do sujeito do contexto ao seu redor, sobre isso a autora indica:

O bebê nasce com capacidades que lhe são proporcionadas pela sua constituição, que faz com que ele seja dotado de particularidades físicas e seja um ser único, mas desta condição ele fará sua singularidade, constituirá seu ser a partir da interpretação de tudo o que se apresenta para ele [...]. (Parlato-Oliveira, 2022, p. 22)

Como já apresentado, o interesse de pesquisar sobre surge da compreensão de que o tempo e a rotina vivenciadas por bebês na creche, suas relações uns com os outros e com os profissionais dessas instituições são de grande importância para seu desenvolvimento psíquico. Sobre a organização da rotina, Abreu (2014) aponta:

A forma de organização da rotina nas instituições educacionais interfere significativamente nas aprendizagens infantis, além de essa estruturação estar relacionada com a concepção de infância e desenvolvimento que se tem com relação à criança e aos processos de ensino e aprendizagem. (Abreu, 2014, p.14)

Nesse sentido, a creche é o lugar onde os bebês permanecem muitas horas de seus dias, seja de modo integral ou parcial, durante o dia. Dessa maneira, refletir sobre o cotidiano dessas instituições, através dos artigos selecionados na revisão bibliográfica pode nos apresentar diversos apontamentos sobre o desenvolvimento dos bebês, concepções de infância, processos de ensino-aprendizagem e principalmente os significados e os sentidos da creche para os bebês e os adultos que trabalham nessas instituições.

A psicanalista Profa. Dra. Erika Maria Parlato de Oliveira (2022), na obra *Saberes do Bebê*, discorre sobre as vivências e competências do bebê em seu primeiro ano de vida. Segundo ela, é importante que se reconheça que o papel do bebê na construção de sua própria constituição psíquica, afastando-nos de entendê-lo como um ser passivo e limitado:

Esse bebê tece suas impressões sobre o mundo a partir de um elaborado e complexo sistema de percepção que permite a ele interpretar as informações para compor um saber. Este saber está sustentado numa capacidade dinâmica multimodal de interpretação. (Parlato-Oliveira, 2022, p. 29)

Ademais, entendemos que a rotina experienciada pelos bebês nas creches conjuntamente as relações estabelecidas com seus pares e professores tem grande importância no desenvolvimento psíquico. É muitas vezes no espaço da creche que uma criança de zero a três anos, por exemplo, tem a possibilidade de iniciar as interações com pessoas fora do ciclo familiar, permitindo novos encontros e também um novo contexto para sua exploração e interpretação - o que impacta diretamente na construção e organização da sua subjetividade.

Iniciamos com o artigo de Strenzel (2003) que defende que as interações são constituidoras dos sujeitos e que é através das interações entre pessoas e objetos que bebês e crianças “desenvolvem uma imagem de si próprio”(p.5). Castelli e Motta (2013) também esclarecem em seu trabalho a importância de reconhecermos os bebês como sujeitos que aprendem e ensinam através de interações. As autoras defendem que os profissionais da Educação Infantil devem compreender que esses corpos expressam-se através de muitas linguagens: choros, risadas, passinhos de dança, pinceladas, versos cantarolados, “fazes-de-conta”, balbucios, toques de carinho, olhares, mordidas, esculturas, são manifestações de linguagens humanas (Castelli e Motta, 2013, p.2).

Através de entrevista realizada por Nazário (2003) com uma recreadora de uma creche em Santa Catarina, percebemos que a compreensão das interações que acontecem na creche como algo de muita importância para o desenvolvimento dos bebês. Dessa forma, pensando nos educadores que atuam com bebês em um contexto coletivo, é importante interagir com as diversas linguagens apresentadas, estando atento e valorizando as linguagens.

Ainda sobre as interações e a observação atenta no cuidado de bebês nas creches, Rocha, Girardi e Buss-Simão (2014) relatam sobre a experiência da docência com bebês indicando a importância de reconhecer as diversas linguagens desses sujeitos, respeitando as singularidades de cada um. Logo, é possível entender a importância da creche para o desenvolvimento do bebê, visto que nessa instituição existe a possibilidade de contatos diversos e a exploração de novos ambientes, construindo a partir daí a sua subjetividade.

Na maioria dos trabalhos, percebemos que as conceituações sobre bebês, assim como construção de suas subjetividades são acompanhadas muitas vezes de indagações sobre o trabalho do docente na creche e do laço entre professoras e bebês. Sendo assim, compreendemos que refletir sobre as relações construídas entre esses sujeitos e os profissionais da educação também se faz necessário, tal qual faremos a seguir.

Cerisara (2002) compreende que, dentro do imaginário social, o trabalho pedagógico com as crianças da faixa-etária dos 0 a 6 anos dos alunos gera, é considerado semelhante à relação de cuidado das famílias com os bebês e crianças, como se o cuidado da mãe com o bebê fosse semelhante ao acompanhamento dos profissionais da creche com as crianças, alocando o trabalho deles a uma esfera maternal. A autora também indica que esta compreensão está associada à manutenção da desvalorização desses profissionais e também da própria creche que é tratada como uma instituição assistencialista, e não como educativa.

No que diz respeito ao trabalho efetuado pelo professor e a relação dele com a formação do bebê/aluno, Cerisara (2002) destaca “[...] pelo trabalho que desempenha acaba tendo uma atuação direta na constituição de outros sujeitos que são seus alunos e que estão em uma fase crítica de suas vidas de constituição das suas próprias subjetividades.”

Simiano (2016) afirma que o trabalho do educador na creche envolve a mediação da construção da subjetividade do bebê, assim como sua introdução no mundo social e cultural. A autora defende em sua pesquisa etnográfica que a presença do professor atravessa as vivências dos bebês, seja no contexto seja material, social ou temporal, sempre se fazendo presente e incentivando, proibindo e/ou permitindo as experiências deles.

A linguagem também é destacada, ao indicar que é na relação com o adulto, principalmente nas palavras e narrativas direcionadas pelos professores aos bebês que acontece a significação social. Ou seja, contar histórias, cantar músicas, narrar poemas e parlendas são atividades que permitem interação com a linguagem oral e a relação com diversas narrativas. Simiano (2016) afirma sobre a professora da creche: “A professora ao narrar a vida na creche, os fatos, os acontecimentos, está possibilitando aos bebês uma produção de sentidos e significados que influenciam a sua trajetória de vida”.

Coutinho e Schmitt (2021) também destacam que a ação docente com bebês tem como grandes características as relações e a interatividade entre sujeitos. Considerando que a docente age sobre todas as relações que acontecem no contexto da creche, não apenas as interações da professora com bebês mas também dos bebês uns com os outros, dessa forma é necessário que a prática pedagógica se atente para a construção de uma rotina e organização que permita a interação e relação dos bebês uns com os outros.

Essa temática também é abordada por Bitencourt e Silva (2017) que refletem sobre as práticas de cuidado e educação - indissociáveis na educação infantil - que fazem parte do trabalho cotidiano efetuado por professoras e auxiliares que atuam com bebês. As autoras também ressaltam que professoras e auxiliares realizam diversos movimentos durante a rotina que envolvem o próprio corpo e o corpo dos bebês e crianças. Britto (2022) também discorre

sobre a centralidade do corpo nas relações dos bebês na creche, refletindo principalmente sobre a relação da professora com os bebês e os seus corpos.

Uma vez que as professoras que atendem a faixa etária de zero a seis anos participam do desenvolvimento emocional, físico, afetivo, cultural e social dos bebês dessa forma, é necessário que haja a compreensão dos sentidos das ações realizadas, de cuidado e educação. Destacando que é uma particularidade da educação infantil o cuidado com o corpo dos alunos, práticas como dar banho, trocar fraldas, pegar no colo e fazer dormir fazem parte da rotina e são hábitos de cuidado que precisam ser realizados com ética: atenção, cuidado, disponibilidade e responsabilidade. O bom trabalho pedagógico coexiste, então, com a ética do cuidado na educação infantil indicando que respeitar o corpo é sustentar a compreensão de que bebês são sujeitos de direitos que também interagem e constroem a educação infantil.

Muniz, Lima e Teodoro (2022) também abordam sobre as relações e éticas de cuidado estabelecidas na educação infantil entre professoras e bebês:

Encontros com adultos, com bebês e crianças que, ao compartilharem esse espaço coletivo, destacam suas afecções nos modos de estar presente, não sendo alheios às relações que vão sendo estabelecidas. Uma ética do cuidado revestida pedagogicamente por uma prática respeitosa, que vê o bebê como um sujeito de direitos que atua, interroga e potencializa as relações. (Muniz, Lima, Teodoro, 2022, p. 1361)

A Prof. Dra. Maria Carmen Silveira Barbosa (2000), em entrevista com alunas, discute sobre as antinomias presentes nas discussões sobre a educação infantil como: cuidado e educação; coletivo e individual; adulto e crianças. Sobre a rotina, Barbosa aponta que está geralmente ou é inflexível ou flexível, e pontua que devemos equilibrar os momentos de repetição na rotina que são importantes para a organização do sujeito, com momentos não rotineiros.

Dias e Conceição (2014), discutem sobre o papel da rotina, principalmente na estruturação do momento da sesta, as autoras indicam que os passos da rotina precisam ser estabelecidos e conhecidos pelas crianças e bebês. Dessa forma, é possível que os alunos se conscientizem para as atividades seguintes, já que a professora também cumpre o papel de preparar a turma para a próxima atividade da rotina. Por exemplo, durante o almoço a professora já pode lembrar aos alunos que o momento da sesta é o próximo.

Rocha, Girardi e Buss-Simão (2014) são autoras que defendem a importância da intencionalidade na construção da rotina a fim de que o objetivo central do planejamento possibilite interações e elabore o repertório de experiências na creche para os bebês.

Nazário (2003), em entrevista com uma professora de berçário, reflete sobre o cotidiano da rotina na creche, em especial sobre o período de seis horas que os bebês permanecem na instituição. A entrevistada indica, como pontos negativos, o volume excessivo de horas e a quantidade de bebês, entre onze e doze bebês na experiência dela, para o exercício do trabalho como educadora. Assim, a professora relata o desafio de cumprir os passos da rotina e dar atenção individualizada para cada bebê, ressaltando o momento de trocar as fraldas em que fica sobrecarregada.

Tristão (2004) defende que o planejamento do cotidiano nos berçários e creches deve se basear no tempo, espaço e relações. No que diz respeito ao espaço, a autora implica que este precisa ser organizado de maneira que facilite as movimentações e interações das crianças. Acerca do tempo e das atividades, a alimentação e o sono, por exemplo, são ações que devem estar alinhadas com as particularidades dos alunos - de modo que a professora possa observar que um bebê fique mais disposto se tiver seu momento de dormir pela manhã e outro prefira descansar durante a tarde. Assim, as atividades rotineiras precisam ser organizadas acompanhando as necessidades coletivas e individuais: cada bebê tem seu ritmo e tempo que faz parte de sua singularidade,

É importante entender que apesar da rotina ser realizada todos os dias, isso não significa que precisa ocorrer sempre da mesma forma. A professora deve entender a intencionalidade de cada atividade e produzir significados para que as crianças e bebês vejam sentido nas ações realizadas. Acerca, da rotina e do trabalho docente na educação infantil e berçário Tristão (2004) indica: Com isso permito-me afirmar que a prática docente com bebês caracteriza-se pela sutileza das ações cotidianas, que muitas vezes não são percebidas dentro da rotina diária, mas que são determinantes na caracterização dessa profissão devido ao seu cunho humanizante (Tristão, 2004, p.3).

Com as reflexões trazidas pela análise, foi possível entender melhor sobre o trabalho docente e as experiências dos bebês na creche, a instituição que no seu dia-a-dia permite a formação e a construção da relação entre essas pessoas.

5 CONCLUSÃO

Com o acúmulo teórico trazido pela análise dos textos, é possível refletirmos sobre as como as especificidades da docência com bebês que se difere das outras etapas da escolarização tendo em vista que a professora acompanha o bebê na construção de sua subjetividade, mediando interações e experiências na creche. A construção da rotina, também é uma função

desempenhada e equilibra práticas pedagógicas como contação de história, brincadeiras, musicalização, roda e outros com práticas de cuidado.

Acerca das vivências do bebê, a reflexão provocada pelos trabalhos torna perceptível o valor dado às interações na creche, destacando principalmente as interações dos bebês uns com os outros, com as professoras e com os objetos do contexto escolar. O processo de interação e interpretação entre o bebê e o ambiente que ele está inserido é o que permite a organização da sua singularidade. Acerca disso, Parlato-Oliveira (2022, p. 22) define que “Quando o bebê interpreta, ele o faz organizando a sua subjetividade, dela resulta sua singularidade”.

Ademais, a escrita deste artigo me permitiu, como estudante da graduação em Pedagogia, compreender melhor e valorizar mais o trabalho pedagógico que acontece na educação infantil. Justamente porque, muitas vezes, ele é tratado no senso comum como apenas “cuidar” de bebês, sendo que envolve a rotina de observar, dar banho, alimentar, registrar, interagir e cuidar. Todos esses processos fazem parte de processos educativos que requerem saberes específicos para construir e potencializar o processo de formação de subjetividade do bebê, assegurando que este seja respeitado como um sujeito.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Maritza Dessupoio de. **Os significados da rotina na creche:** com a palavra coordenadora pedagógica, educadoras e pesquisadora. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/779>. Acesso em: 9 set. 2024.

BITENCOURT, Laís Caroline Andrade; SILVA, Isabel de Oliveira. O cuidado e educação das (os) bebês em contexto coletivo: a construção da experiência da auxiliar de apoio à educação infantil na interação com bebês e professoras. *Zero-a-Seis*, v. 19, n. 36, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2017v19n36p379/35625>. Acesso em: 9 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de dezembro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 9 set. 2024.

CASTELLI, Carolina Machado; MOTA, Maria Renata Alonso. A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas. *Zero-a-Seis*, v. 15, n. 28, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2013n28p46/24918>. Acesso em: 9 set. 2024.

CERISARA, Ana Beatriz. Educador: em busca do sujeito. *Zero-a-Seis*, v. 4, n. 6, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/10133/9374>. Acesso em: 9 set. 2024.

CUSTÓDIO DE BRITO, Isabela Sarah Trigueiro. A centralidade do corpo no estabelecimento das relações dos bebês na educação infantil: uma experiência de estágio com bebês. *Zero-a-Seis*, v. 24, n. 46, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/87200/51885>. Acesso em: 9 set. 2024.

DIAS, Isabel Simões; CONCEIÇÃO, Sônia. O objeto de transição: um estudo em contexto de creche. *Zero-a-Seis*, v. 16, n. 30, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2014n30p3/27685>. Acesso em: 9 set. 2024.

FONSECA, José João da Silva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Apostila.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MUNIZ, Jacira Carla Bosquetti; LIMA, Patrícia de Moraes; TEODORO, Cristina. O cuidado enquanto ética na educação infantil: uma etnografia com bebês em contexto coletivo de educação. *Zero-a-Seis*, v. 24, n. 46, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/90451/51880>. Acesso em: 9 set. 2024.

NAZÁRIO, Roseli. Entrevista realizada com profissionais de uma creche em Santa Catarina. *Zero-a-Seis*, v. 5, n. 7, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/9715/8960>. Acesso em: 9 set. 2024.

NAZÁRIO, Roseli. Entrevista com a recreadora – Maternal II. *Zero-a-Seis*, v. 5, n. 8, jul./dez. 2003. Entrevista. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/9373/8621>. Acesso em: 9 set. 2024.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do Bebê**. 2. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019. 96 p.

RICCI, Aline Nunes *et al.* Pôr amor e força: rotinas na educação infantil. *Zero-a-Seis*, v. 2, n. 2, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/12269/11552>. Acesso em: 9 set. 2024.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; GIRARDI, Lívia Rezende; SIMÃO, Márcia Buss. Experimentando a docência com bebês no estágio supervisionado: organizando espaços, brincadeiras e interações. *Zero-a-Seis*, v. 16, n. 30, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2014n30p90/27693>. Acesso em: 9 set. 2024.

SIMIANO, Luciane Pandini. Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche. *Zero-a-Seis*, v. 18, n. 33, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2016v18n33p22/31487>. Acesso em: 9 set. 2024.

STRENZEL, Giandréa Reuss. A educação e o cuidado de meninas e meninos menores de três anos em creches: indicações para uma pedagogia da educação infantil. *Zero-a-Seis*, v. 5, n. 7, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/16258/14803>. Acesso em: 9 set. 2024.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. *Zero-a-Seis*, v. 6, n. 9, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/9360/8612>. Acesso em: 9 set. 2024.